

Cosmo, ciência e imaginação

(Toda introversão — olhar para o interno — é ao mesmo tempo ascensão — viagem ao céu — olhar para o verdadeiro externo)

Novalis, *Borrador Universal*.

Antes de discutir o solo comum para o qual converge ciência e estética, no contexto humboldtiano, gostaríamos de anunciar que, nas relações entre ciência/consciência e imaginação, dá-se, apesar do mútuo entrelaçamento, uma tensão capaz de desvendar, ainda mais, o modo pelo qual a imaginação pôde ser usada como dispositivo de orientação para viabilizar o propósito subjacente à obra científica de Humboldt. Ao considerar o *Kosmos* como se fosse o “livro da natureza”¹, Humboldt terá transformado o próprio mundo dos fenômenos naturais em um espelho, sugerindo ao leitor que aquelas cenas de cosmovisão, descritas ao longo do *Kosmos* e das *Ansichten*, e não visualizadas diretamente por ele, surgissem em sua mente figuradas como se fossem realidades. Essa combinação entre ciência e imaginação lidará com novas funções de denotação e representação de ambos os campos, cuja radical redução e/ou ampliação (dependendo do ponto de vista) implica novas relações entre eles, bem como uma nova interação entre a produção e recepção das formas textuais criativas aqui juxtaponadas. Também lidará com a capacidade produtiva da consciência e da imaginação para responder a todo e qualquer estímulo do mundo natural.

Mas, de acordo com o horizonte do primeiro romantismo, assim como junto de Goethe e Schelling, o movimento geral do discurso científico permanecerá incompleto, especialmente em se tratando de uma escrita poética da experiência científica, se não for combinado com uma leitura e recepção atenta à

¹ A preocupação com a apresentação da totalidade por meio da linguagem explicita-se na própria escolha do título da obra. A carta de Humboldt ao amigo Varnhagen von Esse, confirma tal preocupação: “Comecei o livro na França quinze anos atrás, e chamei-o de *Essai sur la Physique du Monde*. Na Alemanha, pela primeira vez, tive a intenção de chamá-lo de *O Livro da Natureza*, o tipo de coisa que encontramos na Idade Média, por Albertus Magnus. Todos eles, entretanto, são muito vagos. Agora meu título é *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung...* [Cosmos. Projeto de uma descrição física do mundo]. Sei que ‘cosmo’ é muito grande e não sem um certo toque de afetação; mas como um título ele exprime, com uma palavra impressionante, tanto o céu como a terra...”. In_ BLUMENBERG, H., 1987, p: 92.

exigência específica do corpus sob investigação. A razão para isso é que os princípios e regras que definem a ciência daquele momento na Alemanha são incapazes de preencher a demanda por uma ciência romântica, que quer ser plenamente poética sem deixar de conduzir às fontes da filosofia e do conhecimento modernos, bem como de uma moral para o burguês cultivado. Desse modo, ficaremos atentos para a resignificação semântica da poesia pela ciência e para a ressonância da estética sobre a ciência.

A permeabilidade da ciência à poesia leva a ciência humboldtiana a separar-se de sua realidade *stritu sensu*, e por meio do como se da poesia, transforma a produção e a recepção de textos científicos em novas possibilidades de orientação para a experiência e a consciência do mundo. Como será a imaginação poética viabilizada pela ciência? Dentro do contexto da vida natural, essa imaginação, fonte da poesia, é inteiramente apreendida ou ainda lhe é reservada o seu grau original de indeterminabilidade?

Antes de tratarmos essas questões, há de se abordar as reflexões de Luiz Costa Lima sobre o tema da “hostilidade à retórica [que] corria *pari passu* à separação entre escrita factual e fabulosa” a propósito dos cronistas-viajantes dos séculos XVI e XVII². Ele afirma que a opção por uma “escrita insubmissa aos padrões da bela escrita” pressupõe uma crença na transparência da linguagem e, conseqüentemente, um respeito quase apriorístico por uma forma que “flagrasse o ver puro e então o transmitisse com absoluta fidelidade”. Porém, diz Costa Lima, “são bem outros os parâmetros que acompanham a escrita do naturalista Alexander von Humboldt”, porque embora nele ainda se mantivesse a crença na transparência da linguagem, ela mesma assegurava, quer ao observador, quer ao leitor, uma paradoxal vontade de tornar ainda maior a possibilidade de regozijo estético. A linguagem em Humboldt, mesmo pressionada pelos inúmeros instrumentos e pela máxima objetividade, não diminui a necessidade de fabricação de um outro uso àquele uso quinhentista e sessentista dos cronistas. Pois seu pendor visual, ao nos fornecer “vivas” provas do quão veraz pode se tornar uma transcrição exata de uma experiência pessoal do fenômeno natural, não exclui a presença de uma linguagem literariamente tratada, ainda que sob a base do olhar escrutinador da ciência. Sem dúvida, ressalta o crítico, “a mudança do uso [da

² COSTA LIMA, L., 1997, p: 219-231.

linguagem transparente] terá notáveis conseqüências (...) em Humboldt (;) o esforço explícito passa a ser combinar exatidão descritiva e efeito estético”³. O transtorno do habitual uso da linguagem por Humboldt revela ainda outra faceta. A ultrapassagem, em fluxo harmônico, da fronteira entre o campo da descrição científica e o efeito da experiência estética, fazendo com que os observadores e os leitores entrassem em feliz comunhão estética com a natureza no momento da verificação de suas leis, corresponderia à situação que, de acordo com o mesmo Costa Lima, “tudo se passa [sse] como se a arquitetura da razão kantiana não fosse uma dilacerada razão e a experiência estética de fato harmonizasse o entendimento das leis e o reconhecimento do sentido da experiência humana”⁴.

Por isso, segundo o mesmo autor, o entusiasmo pelos nobres prazeres da contemplação da natureza que emerge da recusa humboldtiana em aceitar a distinção entre experiência estética e ciência é quase sempre acompanhado por um certo desprezo pelo sublime — ou de sua total ausência. Diante de tanto equilíbrio e harmonia, tanto controle do próprio estatuto da experiência da beleza, torna-se compreensível a suposição de que por certo Humboldt supõe “um Kant talvez restrito”, pois sem o sublime. Promovida a via compreensiva por Humboldt torna-se necessário descartar o grande provedor do abismo do sublime e implantar, a despeito das dificuldades, uma nova felicidade (que serão vistas por nós no exame da “*Considerações Preliminares*” ao *Kosmos*): a da síntese harmônica humboldtiana⁵.

Humboldt arriscou-se na aventura moderna da ciência, cuja travessia será por ele experimentada, imaginada e expressa, considerando-se o espaço e o tempo que lhe são dados com essa solicitação: a Alemanha, um espírito místico envolto nas questões científicas e poéticas e uma filosofia científica da Natureza que sendo científica surpreende a imaginação. Dentro de um contexto histórico caracteristicamente germânico, sua ciência procurou tornar transparente o conhecimento e seu processo cognitivo, e a relevância, que se torna cada vez mais

³ Ibid., p: 221.

⁴ Ibid., p: 222.

⁵ A análise da síntese harmônica humboldtiana nos conduz a um desvio (já anunciado na “*Considerações preliminares*”) da perspectiva interna à filosofia kantiana. Estaríamos sendo duros demais com Humboldt ao julgá-lo com base na sistematicidade das faculdades representativas da razão. No entanto, devemos ter em conta que Humboldt, encarado sob o ponto de vista idealista, luta à sua maneira com Kant e o sistema da razão em Fichte, até porque o pensamento romântico é uma decorrência particular da *episteme* kantiana. É só com essa reserva que podemos entender os filosofemas da ciência humboldtiana.

evidente com a auto-afirmação da razão humana, da dimensão antropológica do conhecimento. Emprestando toda a força retórica e evocatória das “composições literárias ou puramente estéticas” (*literarischen oder rein Künstlerischen Komposition*), sua ciência é constitutiva de uma consciência da Natureza, da forma mesma de sua linguagem, só podendo, por isso, ser explicada quando se está a pensar, a ver, a imaginar, a sentir ou a perceber, ao mesmo tempo. A existência verdadeiramente real do espetáculo perceptível da natureza é o nome de duas coisas ao mesmo tempo: o nome da “visão geral do fenômeno”, induzido racionalmente, e o nome da beleza natural sentida em troca do bem que a natureza faz ao homem.

A pergunta formulada no último item do capítulo anterior, posto não tivesse sido levantada de maneira explícita por Humboldt, é legítima, e não constitui absurda suspeita, quando se considera que, a linguagem literária era um meio imprescindível para a difusão e a apresentação do modelo humboldtiano de ciência. Seguimos perguntando, então, como forma de buscar as causas da necessária permeabilidade da ciência à linguagem na sua função aqui de comunicar algo à imaginação: em que termo ocorre essa integração entre ciência e linguagem literária nos trabalhos humboldtianos? E, em que medida é legítimo falar em autonomia da ciência, tendo ela de contar com o poder retórico e evocatório da linguagem literária?

Gostaríamos de tocar em algo que parece interessante no âmbito discursivo da ciência humboldtiana. Os textos científicos que Humboldt começou a compor desde o *Ansichten derem Natur*, em 1808, procuram seguir uma tradição de apresentação das descobertas científicas⁶. Uma tradição que lida com imagens, técnicas de apresentação textuais, enfim, com as tentativas de materializar ou tornar visível o invisível ou o imaterial. (Isso pode ser mais seguramente confirmado a partir da obra americanista de Humboldt). A produção científica do *Kosmos* e sua *darstellung* estética não apenas marcou uma inovação na história da ciência européia, ela fundamentalmente alterou a natureza da escrita científica,

⁶ Humboldt manteve-se sistemático em seu intuito de resistir ao “estilhaçamento infinito” dos fatos materiais. Para isso precisou criar um modo de exposição que unificasse e ordenasse os fatos com uma linguagem de precisão científica. Para ele o modelo de tal empreendimento foi Laplace: “A França possui uma obra imortal, a *Exposition du système du monde*, na qual o autor reuniu os resultados dos trabalhos matemáticos e astronômicos os mais sublimes apresentando-os aos seus leitores livres de todos os processos de demonstração”. HUMBOLDT, A., *Considérations sur les différents degrés de jouissance qu’offrent l’aspect de la nature et l’étude de ses loi*, 1848, p.34.

inaugurando um modo de existência lingüística para a ciência que, do ponto de vista europeu, pode ser chamado de naturalista-romântico (em tudo aquilo em que este se aproxima do lírico ou das intuições elevadas).

O que a linguagem faz nos textos científicos de Humboldt é preencher uma expectativa que depende da transmissão de alguma coisa, como conhecimento e/ou sentimento; uma expectativa que o próprio modo expressivo vai ensinando à mente do leitor preencher. Parece realmente difícil, se não impossível para alguns, tornar partilhável o que Humboldt em seu “forçoso modo de se expressar” faz o leitor “imaginar que ele compreende o impossível”. As palavras de Goethe a Zelter em 5 de outubro de 1831, depois de receber a obra, *Fragments de Géologie et de Climatologie asiatiques par Alexandre de Humboldt*, constitui esplêndido exemplo de que, a despeito da dificuldade, esta pode ser uma empreitada viável. Fiquemos com a carta:

Recebi os dois volumes de “Fragments de Géologie et de Climatologie asiatiques, par Alexandre de Humboldt”; examinado-a superficialmente ocorreu-me antes uma curiosa observação, a qual gostaria de lhe comunicar. O extraordinário talento desse extraordinário homem é explicitado em seu forçoso modo de se expressar, e é claramente evidente que cada discurso irá persuadir o ouvinte e fazê-lo acreditar que ele está convencido. Poucos homens são capazes de serem convencidos; a maioria dos homens permite serem persuadidos, e desta maneira os tratados aqui diante de nós são reais discursos comunicados com grande facilidade, de modo que essas pessoas são ao menos levadas a imaginar que elas compreendem o impossível. Que as montanhas do Himalaia podem ser escaladas à altura de 25.000 pés e ainda indicam tão orgulhosamente e inflexivelmente em direção ao céu como se nada tivesse acontecido, está quase além dos meus poderes de compreensão, e permanece nas regiões nebulosas assombradas pela transubstanciação; meu sistema cerebral deveria ser inteiramente reorganizado — o que seria antes uma pena — se houvesse qualquer espaço a ser encontrado para a recepção de tal maravilha.

Existem pessoas, entretanto, cujas mentes são tão constituídas para receber tais artigos de fé lado a lado com as proposições da mais alta razão; não posso entender isto, embora vejo que isso é comum hoje em dia. Mas é necessário entender tudo? Repito: nosso poderoso conquistador do mundo da ciência é talvez o maior orador. Não só estão todos os fatos presentes em sua cabeça em consequência de sua prodigiosa memória, mas ele sabe como usá-los com a maior habilidade e coragem. O iniciante vê suficientemente claro onde a fraqueza se entrelaçou com a firmeza, enquanto a firmeza não é avessa ao adorno de beleza frágil.

E então o efeito de um tal paradoxo, quando habilidosa e energicamente proposto, é poderoso; muito de nossos mais arrojados investigadores científicos são trazidos para imaginar que eles podem compreender o incompreensível. Para eles, ao contrário, eu apareço como um obstinado aqui-herético, no qual Deus graciosamente nos mantém e nos confirma. Selah!⁷

⁷ BRUHNS, K., 1873, vol. 1, p: 173-174.

A partir da discussão de um certo (e inédito) modelo estético⁸ para a ciência, expresso, tanto nos trabalhos humboldtianos de gabinete bem como em seus relatos naturalistas, veremos de que maneira Humboldt configura uma alternativa ao tipo usual do cientista moderno (para o qual a pesquisa não cabia numa forma específica de conhecimento) havia de admitir para si uma preocupação quanto à forma de apresentação e expressão “da imensa diversidade dos elementos”. Desde que iniciara o *Kosmos*, e logo nas primeiras palavras de Humboldt, entrara ele a fazer uma série de reflexões sobre as dificuldades de compor uma “pintura da natureza” (*Naturgemälde*) que perfizesse uma “visão geral dos fenômenos” (*Allgemeine Übersicht der Erscheinungen*):

A ousadia de uma empresa como essa, não a nego. Entre todas as formas de apresentação (*Formen der Darstellung*) às quais essas páginas são dedicadas, o esboço (*Entwurf*) de uma pintura da natureza (*eines allgemeinen Naturgemäldes*) é tanto mais difícil por não devermos sucumbir ao desdobramento da variedade multiforme, devendo nos demorar, sim, somente frente às grandes massas, separadas que sejam na realidade ou no âmbito subjetivo das idéias. Por meio da separação e da subordinação dos fenômenos, por meio de uma penetração profunda (*durch ahnungsvolles Eindringen*) no jogo oculto das potências dominantes, por meio ainda de uma vivacidade de expressão (*Lebendigkeit des Ausdrucks*), no qual a intuição se espelha verdadeira como a natureza (*die sinnliche Anschauung sich naturwahr spiegelt*), podemos tentar compreender e descrever o Todo (*das All*)⁹.

Ponderava, apesar da dificuldade, sobre a hipótese de apresentar à maneira literária uma obra científica que fizesse o leitor, por um lado, melhor sentir a “harmoniosa impressão de calma e unidade” e, por outro, configurar no pensamento uma “visão geral dos fenômenos”. Decerto foi também o próprio modo de vida de viajante de Humboldt, a experiência com outras culturas, suas vivências extracotidianas e as sensações prazerosas acumuladas ao longo de sua vida de pesquisas, que determinaram a emergência da singularidade no corpo de sua ciência. Desde a publicação das *Ansichten der Natur*, em 1808, revelou-se inviável para Humboldt outra maneira que não fosse a descrição literária como o

⁸ A definição do que chamamos de um modelo *estético* para a ciência vai ser ainda mais desenvolvido ao longo deste capítulo, na medida em que daremos a conhecer o aspecto moral, ou melhor, a tarefa humanitária que a ciência humboldtiana quer honrar. E aí terá mais sentido falar em uma arte de conhecer que recupera, de certa forma, o conceito usual grego de física.

⁹ HUMBOLDT, A., 1978, p: 47.

modo de relatar suas viagens e suas impressões junto à natureza. O menos que dissesse, tinha já aos olhos do leitor uma graça indefinível. E foi o processo de feitura do *Kosmos* o primeiro pregoeiro dessa transformação. Vejamos o que seja o impasse de uma consideração estética do universo via ciência nos termos humboldtianos, anunciada logo no segundo parágrafo do *Kosmos*:

Que a imensa diversidade dos elementos que se vão aglomerando em um quadro da natureza (*Naturbild*) não prejudique então a harmoniosa impressão de calma e unidade (*dem harmonischen Eindruck von Ruhe und Einheit*), impressão que constitui a finalidade última (*der letzte Zweck*) de toda composição literária ou puramente artística (*einer jeden literarischen oder rein künstlerischen Komposition*)¹⁰.

Humboldt admite para si uma hipótese: a de que a leitura de uma obra (à maneira de uma “pintura da natureza”) que buscasse objetivar o conhecimento do universo, igualmente em sua esfera celeste e terrestre, pudesse deixar intacta a “harmoniosa impressão de calma e unidade”, fim último das leituras de composições literárias ou puramente estéticas. Humboldt estava disposto a cobrir com sua responsabilidade intelectual a “imensa diversidade” dos fenômenos naturais, confinando-a e sintetizando-a, sem prejuízo da característica impressão estética que uma elevada composição literária faria o leitor sentir. Em relação aos resultados da pesquisa científica, não tinha dúvida de que eles ameaçavam tirar o prazer da leitura. Porém Humboldt, consciente da dificuldade de tal empresa, havia de ter uma preocupação com o leitor, ou melhor, com a forma de comunicar conhecimento que, em vez de se ater à variedade imensa das formas naturais até perder-se em laboriosas observações, parecia convidar também o leitor a contemplar o universo, afinadamente, com o autor.

O confinamento da “imensa diversidade” dos fenômenos induzido pelo “quadro da natureza” — que não prejudica a “harmoniosa impressão de calma e unidade” — só faz exacerbar, naquela passagem, um colapso instaurado. Colapso da rígida distinção entre ciência e imaginação, pois que o interesse pela diversidade imensa dos fenômenos emerge aqui sempre acompanhado de certo apego à síntese realizada, objetivamente, na realidade ou no “âmbito subjetivo das idéias”. A propósito, buscar na diversidade do sensível a unidade do todo representada na idéia extra-sensível de cosmo é o que um “quadro da natureza”,

¹⁰ HUMBOLDT, A., 1978, p: 48.

com efeito de calma e unidade, propiciava. E isso correspondia a uma perda do próprio estatuto habitual da ciência (“a harmônica impressão de calma e unidade, a qual constitui a finalidade última de toda composição literária ou puramente estética”), tornando compreensível a preocupação com a maneira de expor provocada pela radical mudança de *frame* promovida, por sua vez, por essa nova obra de ciência na forma de literatura. A interpretação científica do cosmo por Humboldt ficava assim associada a uma leitura imaginária (e porque não dizer mágica?) dos fenômenos. Mudança da pura coleta objetiva de dados para a contemplação dos sentidos, fundamento de certa clarividência, o colapso entre ciência e imaginação era enfatizado inclusive pelo uso do termo “penetração fecunda”:

É por meio da separação e da subordinação dos fenômenos, por meio de uma penetração fecunda (*durch ahnungsvolles*) no jogo de forças ocultas dominantes, por meio ainda de uma vivacidade de estilo (*Lebendigkeit des Ausdrucks*), no qual a intuição sensível (*die sinnliche Anschauung*) se espelha verdadeira como a natureza (*sich naturwahr spiegelt*), podemos tentar compreender e descrever o Todo (*das All*) — é o que requer a dignidade da esplêndida palavra *Kosmos* — como universo, como ordem universal, como ornamento do que é ordenado¹¹.

Nessa nova moldura perceptiva do cosmos (“vivacidade de estilo no qual a intuição sensível se espelha verdadeira como a natureza”), as formas objetivas de representação a que a ciência está acostumada entram em conflito com a visão compreensiva da natureza. Da “separação e subordinação dos fenômenos”, outrora o fundamento das descrições científicas, migra-se gradativamente para a “penetração fecunda” e depois para a linguagem de estilo vivo, produzindo, deste modo, um arquivo completo de percepções quase místicas (ou míticas) do cosmo. O clima de definição da ciência, não se desfaz com o abrir de cortinas da compreensão que — evocando o teatro vivo da natureza — alude decerto à presença simbólica do todo. É imprescindível aludirmos ao fato de que a ciência do cosmos ambicionada por Humboldt procura constituir-se em um grande símbolo do “todo” universal, criada pelo uso retórico da linguagem. A presença simbólica do “todo universal”, a “penetração fecunda no jogo de forças ocultas”

¹¹ HUMBOLDT, A., 1978, p: 47.

implanta, portanto, nova articulação: a da linguagem literária como sendo a única forma, por certo ideal, capaz de refletir com seu dom mimético a “penetração fecunda jogo de forças obscuras” e a “intuição sensível”, “verdadeira como a natureza”.

Não poderia faltar nessa nova maneira de compreender e descrever o “todo universal” a inteligência do belo; e a quase novidade daquele espetáculo, que outrora tinha sido contemplado e relatado pelo viajante-cientista, e que, ainda depois, não deixaria de impressionar imensamente o leitor. A questão, a principal, que por ora devemos reter é a de que Humboldt está, na primeira metade do século XIX, admitindo dar relevância à ciência desde que ela se comprometa com a importância igualmente salutar da linguagem para expressar — pelo uso intensivo de expressões animadas como sendo aqui de uma *mimesis* naturalista — a veracidade do real ou a realidade tal qual imaginada junto à natureza. Assim, a ciência não se perde em seu confinamento e apresenta não menos intensa a matéria que move a imaginação humana: a “vivacidade de estilo” em que “a intuição sensível se espelha verdadeira como a natureza”. Ambas ciência e imaginação cruzam-se nesse trânsito entre a mente e o real com a participação ativa da linguagem que deve refletir, sem nenhuma confusão e abatimento, o equilíbrio harmônico de ambos os lados.

Alguns impasses nítidos formam a interface entre ciência e literatura. Voltando àquela pergunta, o que significa a autonomia da ciência? Que faz Humboldt senão tirar belo proveito do efeito retórico da literatura e do abatimento psíquico do sujeito poético, sentimentalizando-o, todavia, em favor de sua estabilidade emocional? Essas perguntas, que irrompem das entrelinhas do texto de Humboldt, como efeito da condição de dependência que a ciência assume em relação à literatura e vice-versa, são importantes para perceber em que termos a inquirição científica da natureza fixa o lugar do homem no mundo e faz convergir a consciência do sujeito com a consciência interna da Natureza. O tema que por ora vai nos ocupar abarca, pois, à sua maneira, a posição cultural da ciência face ao momento crítico em que o homem se encontra num mundo desencantado. Humboldt busca, sobre a base metafísica para a ciência, proporcionar um reencantamento do mundo que indique alguma direção segura ao homem. Desta maneira, o propósito de Humboldt vai além do seu universo atual na medida em que aceita como desafio construir uma tradição de conhecimento sobre a origem

da consciência e sabedoria constituída por meio da linguagem da ciência, da poesia e sobre a base da cientificidade e da socialização dos assuntos científicos. Desta forma, impõe-se metodicamente tematizar a relação entre ciência e imaginação levando em conta as dificuldades que se opuseram ao progresso desse ativo espírito de investigação, quando o mundo das idéias e o mundo das sensações haviam já sido separados pela ciência moderna. O texto que melhor acompanha a relação tão valorizada da descrição científica do mundo ao prazer do autor-apreciador e leitor é as “Considerações Preliminares” do *Kosmos*:

Aos receios de perda de um livre gozo da natureza, decorrentes da influência da apreciação reflexiva ou do conhecimento científico, associam-se, também, os receios criados a partir da extensão e do volume deste conhecimento, que nem todos podem alcançar. Na trama maravilhosa do organismo, no impulso e no atuar eterno das forças vivas, toda pesquisa mais profunda conduz na verdade a uma entrada em novos labirintos. Mas precisamente esta variedade de caminhos não trilhados e muito emaranhados provoca em todos os degraus do saber um espanto alegre (*freudiges Erstaunen*). Toda lei natural que se revela ao observador leva a uma lei mais elevada, ou ainda, deduz uma lei desconhecida; pois a Natureza é, como Carus diz acertadamente, e como sugere o próprio ditado aos romanos e aos gregos “o que cresce eternamente (*ewig Wachsende*), e o que é eternamente conceituado em formação e desenvolvimento (*im Bilden und Entfalten Begriffene*)”¹²

Sua relação com a ciência, como sendo a do raciocínio puramente científico (leia-se matematizável), parece sempre chegar a um limite uma vez que o objetivo a ser atingido exige a entrada de algum imponderável, “a uma entrada em novos labirintos” atinente a leis mais elevadas e até desconhecidas. Por outro lado, “toda pesquisa mais profunda” que perpassa uma “variedade de caminhos não trilhados e muito emaranhados”, ao invés de ser ameaçada pela “perda de um livre gozo da natureza”, surpreende pelo “espanto alegre”, chegando a ponto de não se satisfazer com o emergir tão só do desejo de gozar o prazer junto à natureza, precisando objetivamente resolver-se na descoberta de leis, mesmo que desconhecidas e ocultas. Assim, nesta passagem, após a alusão a um certo receio “de perda do livre gozo da natureza” associado à “apreciação reflexiva” e à “extensão e [o] volume” do conhecimento científico, Humboldt, elabora a hipótese de uma ciência cuja base remonta a um “espanto alegre”. Algo anterior a

¹² HUMBOLDT, A., 1978, p: 16.

qualquer conhecimento certificador do cálculo matemático; e que se identificaria, em última instância, com a “trama maravilhosa do organismo”, com o “impulso” e o “atuar eterno das forças vivas”.

Tudo isso permite que, sem hesite, considere-se o estatuto de mágica presumível como o que faltaria ao cientista, no âmbito de uma “descrição física do mundo” assim defendida por Humboldt. Pela noção de Natureza a que Humboldt se atem, os tais “receios” não chegam a consituir transtorno alarmante para os que sabem apreciar o “espanto alegre” “que nem todos podem alcançar”. O que Humboldt está afirmando é que não falta quem acredite que certas fórmulas mágicas têm a virtude de imunizar decisivamente contra tais receios. Para reforçar-lhe a eficácia, faz acompanhar a crença em certos conceitos propiciatórios, como o de acreditar, assim como Carus, o naturallista alemão, que a Natureza “é o que cresce eternamente, e o que é eternamente conceituado em formação e desenvolvimento”. Leia-se esta passagem então como exemplo de uma perspectiva em que, com a ciência e sob a base da ciência, o homem não só chega à satisfação objetiva do desejo de conhecer a “extensão” e o “volume” do conhecimento, como inclui seu interesse por uma concepção de mundo baseada num acento humanista alegre.

A ciência, por nunca fixar ou imobilizar nela mesma, e projetar-se para além de si, constituirá um caminho do processo cognitivo da razão envolvendo “o livro gozo da natureza”, o “espanto alegre”, as “leis desconhecidas”, e em virtude de seu caráter transitivo alternativas de acesso não-puramente racionais do pensamento. E aí reside um ponto que talvez distinga Humboldt trazendo-lhe traço muito peculiar com referência à própria forma antropológica com que fazia ciência: constituindo-a em mais uma forma de representação humana, uma forma de linguagem apta a disponibilizar alternativas de experiência prazerosas e harmônicas para o homem.

No intuito de esclarecer a importância daquela pergunta acima lançada para encaminhar uma linha interpretativa frente aos trabalhos de Humboldt, nos dedicamos a afirmar por ora: com a ciência humboldtiana, não se destroem sonhos, imagens ou fantasias, ao contrário, com ela dá-se um trajeto que nunca reconduz a ciência a si (nem nunca ela se reduz a si própria). O que ocorre é que além de seu caráter epistemológico, que lhe garante alguma operacionalização e

controle da realidade, a ciência de Humboldt é efeito; efeito sobre o homem, representado na forma do leitor.

4.1.

A liberação da mágica pelo imaginário

O caráter de todo o tempo moderno é idealista, o espírito dominante é o retorno à interioridade. O mundo ideal move-se poderosamente para a luz, mas o que ainda o retém é que a natureza se retirou como mistério. Os próprios segredos que estão naquele mundo não podem tornar-se verdadeiramente objetivos, a não ser no mistério da natureza enunciado.

Friedrich Schelling: *Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira.*

A literatura constituída no interior da ciência humboldtiana mantém-se numa situação específica de complementariedade e dependência, que deixa margem ao maior intercuro das experiências de prazer e apaziguamento moral. Sua vocação está no caminho que convida aos efeitos vivificantes sobre o espírito; não na peculiar vocação ficcional que forma uma obra literária. É verdade que essas distinções têm caráter relativo e que delas não é lícito tirar nenhuma conclusão peremptória sobre o caráter autônomo da experiência estética. Nessa convergência, os princípios de uma “descrição física do mundo” podem exprimir-se na habilitação eficaz de uma obra científica em forma de literatura; há um nível por trás da ciência e um ponto de fidedignidade da literatura que garantem a coesão, o equilíbrio aparentes, muitas vezes fictícios, dos núcleos formados pela “expressão imagética (*bildliche Ausdruck*)” da Natureza.

No plano desse capítulo, o movimento de liberação da imaginação ao lado da ciência requer a assimilação de novas modalidades de um convívio entre ciência e imaginação largamente enriquecidas com novos dados; a mágica, por exemplo. Se quisermos seguir as séries de raciocínios e intuições que induziram o conhecimento em Humboldt, haveremos de narrar o princípio de um mistério enunciado na Natureza. Reporto-me ao transcendente, à “conexão geral”

(*allgemeinen Zusammenhang*)¹³ da “aparência das coisas físicas” (*Erscheinungen der körperlichen Dinge*)¹⁴, onde se superpõem os índices do misterioso.

Selecione-se uma formulação que vale, grosso modo, para a multiplicidade fisionômica das forças naturais e para o que se denomina aqui de a liberação da mágica pelo imaginário. Tudo na Natureza humboldtiana é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Em princípio, o naturalista vê os objetos singulares, daí seu esforço de generalizar; só aos poucos é que consegue retificar, sobre o volume das massas vegetais, uma determinada visão. Os olhos, por enquanto, são a porta para a visão geral. Não é que eles sejam enganadores, simplesmente necessitam impor ao latejante mundo um tanto de uniformidade e adestramento mental.

Na Alemanha da passagem do século XVII ao XIX, a Natureza torna-se objeto de pesquisa e dá lugar a uma série de disciplinas científicas ocupadas com o sentido do orgânico e do vivo (conf. Item - 3.3). Se pudéssemos confiar nos propósitos estritamente científicos de Humboldt, teríamos que admitir que suas convicções morais e estéticas contribuíram para colocar a Natureza envolta em mistérios, em extremo vigor de abstração e de par com a imaginação criadora. Entretanto, Humboldt perseguia perguntas bem objetivas, recorrendo a meios um tanto empírico, para questões bastante imateriais, e — acrescente-se — nessa operação fazia reais progressos com a imaginação.

O que é a vida — o princípio da vida? O que constitui a “essência interna das forças” – *das innere Wesen der Kräfte*? O que há de mágico nas forças internas? Que sublime poderia estar contido na vida natural?

Essas perguntas fazem ressoar um misterioso enigma presente nos sucessivos séculos da história do mundo. Cientistas, filósofos, empiristas, idealistas, tiveram, em seu devido momento, que refletir sobre o fato da vida. Não vemos em Humboldt outra saída senão a imaginação como fecundo ponto de partida para a pesquisa, uma vez que ele buscou na ciência ideal a resposta poética para perguntas não raro filosóficas. A alma da Natureza utiliza-se dos manejos da imaginação, imitativa e criadora, para captar a “sua magia da excitação para o misterioso e o sublime” (*ihrem Zauber, von dem Reiz des Geheimnisvollen und*

¹³ HUMBOLDT, A., 1978, p: XXV.

¹⁴ Ibid, idem.

Erhabenen) e vencer as polarizações: luz-mistério, ciência-magia/excitação, unidade-multiplicidade.

A biografia mais completa de Humboldt acrescenta algumas informações: foi ele o primeiro a dar conta dessa questão de um ponto de vista da química. Em 1793, em seu ‘Aforismos da fisiologia química das plantas - *Aphorismen aus der chemischen Physiologie der Pflanzen*’, definiu o princípio da vida como o poder ‘interno’¹⁵. Sente-se logo que a atração pela “magia” e pelo “sublime” é tão importante quanto o conhecimento científico, e uma tal experiência poética tende a dissolver a distância e a contraposição entre teoria e experiência poética, entre a ciência da Natureza e “sua magia da excitação para o misterioso e o sublime” — que está por trás da “aparência física das coisas”. O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um endereçamento subjetivo preexistente; enfim, ampliar a magia, mediante sucessivas novas pesquisas sobre a “essência interna das forças”.

Uma avaliação da antiga contribuição, “A força vital, ou o Gênio de Rodes” (‘*Die Lebenskraft, oder der rhodische Genius*’)¹⁶, de junho de 1795, permite realizar uma associação entre um pensamento já abstrato sobre a Natureza — característico da filosofia idealista — e questões relativas ao ideal estético da beleza e das leis da moralidade. Deixemos o que há de específico nesse escrito¹⁷ para reter uma única definição-síntese defendida por Humboldt: “O equilíbrio dos elementos se mantém na matéria animada porque ali são parte de um todo” (*Das Gleichgewicht der Elemente erhält sich in der belebten Materie dadurch, daß si Teile eines Ganzen sind*)¹⁸.

Essa definição constitui elemento fecundo capaz de estabelecer poderosos vínculos entre os estudos físicos do jovem Humboldt e a descrição física do mundo proposta, muito depois, no âmbito do *Kosmos*. Sabemos como era manifesta a marca do Todo, a matéria viva habilitada para efeitos e ponto de equilíbrio dos diversos elementos em Humboldt. Em seu caso, portanto, essa definição-síntese, vinda de um texto, em certo sentido prenunciador, não representa uma herança desprezível que deva ser dissipada ou oculta, não é um

¹⁵ BRUHNS, K., 1873, vol. 1, p: 183.

¹⁶ Esse texto apareceu pela primeira vez em *Die Horen*, revista editada por Schiller. Depois foi incorporada ao Livro Sexto das *Ansichten der Natur*.

¹⁷ O texto trata da definição das substâncias animadas e inanimadas deduzidas do “comportamento químico dos elementos” (*chemischen Verhalten der Elemente*).

¹⁸ HUMBOLDT, A., 1987, p: 320.

traço negativo que cumpre superar; ao contrário, é uma etapa necessária nesse processo feliz de fruição estética do cosmo. Disso há exemplo na eficiente habilidade da “vivacidade da expressão” (*Lebendigkeit des Ausdrucks*) de que freqüentemente são dotadas as descrições de Humboldt. Quase como se a tarefa do cientista-naturalista fosse a de salvar a experiência pelo momento íntegro e vivo do fluxo da realidade corrente e nunca pela enunciação das teorias incontestáveis, atestadas por experimentos ratificadores. Por isso talvez a inesperada presença de hipóteses imaginárias, num universo marcado pelo espírito filosófico sintetizador, segundo o qual “o absolutamente ideal é também o absolutamente real”¹⁹, inevitável referência ao pensamento de Schelling. A recepção ao texto explicita, entretanto, a falta de unanimidade nesse contexto. Os comentários sarcásticos e irônicos de Schiller a respeito do artigo, por exemplo, comprovam a existência dessa controvérsia²⁰:

A despeito do severíssimo juízo de Schiller, comparecem, em Humboldt, dois movimentos aparentemente paradoxais: um estudo científico levado a cabo de maneira severamente empírica e uma atitude decidida de impregnar os fatos com os traços próprios à vida. É esse dos raros exemplos conhecidos de um sistema que persegue uma realidade experimental com hipótese imaginária. “Fatos”, ele escreve a Blumenbach em 1795, “permanecem sempre os mesmos, desde muito tempo, quando já tinham caído em ruínas o edifício da teoria apressadamente construído. Sempre mantive meus fatos distintos das minhas conjecturas. Esse método de lidar com o fenômeno da natureza parece para mim o mais bem fundamentado...”²¹. Humboldt expressou idéias semelhantes na carta a Pictet, em 1796: “(...) De tudo o que a física nos apresenta, nada é estável e seguro como os fatos. As teorias, criança²² da opinião, são variáveis como ela. As teorias são os meteoros do mundo moral, raramente benéficas e mais freqüentemente nocivas ao progresso intelectual da humanidade”²³.

Como a existência da tarefa científica foi debatida e enfrentada tanto pelos filósofos e poetas quanto pelos cientistas alemães da passagem do século XVIII ao XIX, a realidade na ciência assume um caráter positivo, transforma-se

¹⁹ SCHELLING, F. W. J., 1973, vol. XXVI, p. 215.

²⁰ Sobre o juízo de Schiller acerca do artigo de Humboldt, ver BRUHNS, K., 1873, vol. 1, p: 184-200 e p: 185-192.

²¹ BRUHNS, K., 1873, vol. 1, p: 197.

²² A forma plural correta para essa frase inexistente no original.

²³ BRUHNS, K., loc. cit.

numa fonte paradoxal de vitalidade, ânimo moral e pulsão metafísica. E se, como afirma Humboldt, o fato, sempre permanente e nunca é conjectural, expressa o elã vital da Natureza, uma das surpresas da ciência humboldtiana estará na energia mágica que irradia dos experimentos quando se dá o contato da mente do cientista com os fenômenos. Embora a pesquisa empírica da ciência humboldtiana apóie-se em base de caráter técnico-operacional — o astrônomo, munido de heliômetro e telescópio determina, por exemplo, “o diâmetro dos planetas, mede a altura meridiana das estrelas durante anos” e o “botânico contando as incisões de cálices e os filamentos das flores”²⁴ —, há a “magia da excitação para o misterioso e o sublime” que irá dar conta do representável pela ciência, o dinamismo físico das forças internas. Assim, da liberação da mágica resulta o colapso da teoria no momento em que o autêntico espírito científico flagra o misterioso enigma da vida. Interpenetrando-se na investigação científica, diversos componentes da magia, a visão da Natureza não tem fim. Ela só pára, imutável, no centro do encantamento.

Encontramos no *Kosmos* a espécie de tensão imprescindível à dimensão cósmica da Natureza. Animada por seres criadores, repletos de graça e beleza, a Natureza, sob esse ponto de vista poderia não dar certo como objeto de estudo científico, justamente porque a visão purista da investigação científica leva ao desencantamento do mundo, reduzindo tudo a números, teorias e leis — estabelecendo, com efeito, restrições que removeriam toda fluidez da contemplação ativa proposta por Humboldt. Todavia a Natureza humboldtiana é encantada e espelha, sobre a inquietude teórica, um acervo de sentidos para projetos do homem no mundo e do ser no mundo do homem. A busca dessa ciência pela experiência coincide com a ânsia por uma verdade humana, materializando sentidos que a própria realidade parece desprezar. Nesse caso, cabe perguntar: essa ciência, testemunha tanto do conhecimento racional quanto do místico — desfazendo a incompatibilidade entre conhecer, experimentar e sentir — dá certo, enquanto conhecimento epistemologicamente fundamentado? A resposta é imediata. Não, pois cabe a ela preservar e repontencializar o sentido da criação interno à Natureza, o modelo, por excelência, para explicar a gênese do real em que primeiro a humanidade se mira.

²⁴ HUMBOLDT, A., 1978, p: 14.

Calcada no movimento puro da vida, ela compromete seu produto com uma fruição antropocêntrica, porque toda a atmosfera de objetividade em que ela se insere termina prontamente redimida pela intensidade do brilho estético natural — impossibilitando a renúncia de uma apresentação retórica e evocatória de impressões sentidas e descritas para o leitor acompanhar junto ao relato do autor. Daí, sem dúvida, a enorme carga de energia, significados e simbolizações que a Natureza concentra e propaga. Dizemos, através de sua apresentação, porque o *Kosmos* se insere num contexto assim delineado por Karl Bruhns, o editor da melhor biografia sobre Humboldt:

Durante a primavera e o verão de 1827, ele foi freqüentemente lançado à sociedade de August Wilhelm Schlegel — uma circunstância com algum significado, pois deste intercurso derivou o incitamento final para as célebres lições sobre a geografia física, nas quais se basearam as fundações do *Kosmos*²⁵.

As intenções de Humboldt, e de muitos de seus contemporâneos, eram perfeitamente adequadas naquele contexto de popularização da ciência, cumprido desde o século XVIII, com o Iluminismo. Os salões de sociabilidade, as aulas públicas na universidade de Berlim eram o melhor que Humboldt podia fazer para popularizar os resultados de seus trabalhos e romper com os estreitos limites das academias científicas. Desejava que todo mundo desse círculo da sociedade burguesa lesse o *Kosmos*, e lesse o melhor que pudesse. Para este fim aceitava os convites e as homenagens dos cientistas alemães, escolhendo lá consigo o que melhor correspondesse aos seus desejos, mas ainda assim sem desanimar os outros, porque o melhor do público podia não ter curiosidade pela investigação científica sobre a natureza e, para ele, não havia coisa pior que não ter curiosidade científica: não reconhecer que o conhecimento abriga um sentimento mágico, uma “excitação para o misterioso e o sublime”:

Não posso, portanto, deixar o receio (*Besorgnis*) se desdobrar em sua limitação, senão uma certa turbidez sentimental da alma (*sentimentale Trübheit des Gemüts*) poderá parecer conduzir ao receio de que a Natureza, em cada pesquisa sobre a

²⁵ BRUHNS, K., 1873, v.2, p. 108.

essência interna das forças (*das innere Wesen der Kräfte*), perderia sua magia (*ihrem Zauber*), da excitação para o misterioso e o sublime. As forças, no sentido próprio da palavra, atuam apenas magicamente como na escuridão de um poder misterioso, quando sua atuação ocorre fora do âmbito das condições geralmente reconhecidas da Natureza. (...) Os espaços celestes, assim como os tapetes vegetais florescente garantem certamente (...) ao físico (...) ao astrônomo (...) ao olhar inaugural do botânico, uma vista (*Anblick*) grandiosa, bem como ao observador, cujo sentido da natureza ainda não está depurado, por meio da inspeção (*Einsicht*) sobre a conexão dos fenômenos. Por isso não podemos concordar com o brilhante Burke, quando afirma que, somente a partir da ignorância (*Unwissenheit*) das coisas da natureza surgiria a admiração (*Bewunderung*) e o sentimento do sublime (*das Gefühl des Erhabenen*)²⁶.

O surgimento da “admiração” (*Bewunderung*), e do “sentimento do sublime” (*Gefühl des Erhabenen*), está seguramente ligado à determinada inteligência do naturalista para inspecionar a “conexão dos fenômenos” (*Zusammenhang der Erscheinungen*). Essa inteligência, é provável, tem origem no simbólico magnetismo da visão do alto que se funde ao baixo terrestre. Tanto o senso da altura quanto o volume diversificado da massa vegetal nunca poderiam ser sacrificados, pois toda a idéia da mágica trabalha em favor da beleza. Essa extraordinária identidade da beleza e da mágica torna convincente, contudo, a distinção entre o cientista *stricto sensu* e o naturalista.

O emprego da visão evoca a condenação da ignorância, confundindo-a com o puro apego ao mundo das aparências. O alcance visual direciona-se ao “sentido da natureza (Naturesinn)” e, para isso, eleva a condição de fenômeno físico de modo a nunca dar espaço a tal “receio”. É fácil pensar, depois de ler a citação acima, que, para Humboldt, os homens nunca atentam para além da aparência, porque vivem de modo incorrigível distraído das coisas mais importantes. É para poucos “a magia da excitação para o misterioso e o sublime”. É para aqueles cuja inteligência visual se aproveita da existência irreduzível do véu superposto sobre as coisas da Natureza para aceder à plena “vista grandiosa” (*großartigere Anblick*). No gozo desse privilégio, que de certo modo anima todo observador, a Natureza deixa quase imediatamente de ser objeto científico; torna-se conjunto de “forças” (*Kräfte*) internas, recriadas em proveito da mágica, cobrindo o “âmbito das condições geralmente reconhecidas da Natureza” — a aparência física das coisas — para chegar à vida velada.

²⁶ HUMBOLDT, A., 1978, p: 14.

O princípio que dirige e que, de fato, determina esse sistema visual é a defesa contra a “limitação” (*Beschränkung*) do “receio” (*Besorgnis*), condutor da perda da magia. Essa é a preocupação claramente manifesta de nosso naturalista. Os “espaços celestes” (*die Himmelsräume*) e o “tapete vegetal florescente da terra” (*die blütenreiche Pflanzendecke der Erde*), por onde se garante uma “vista grandiosa” (*großartigen Anblick*), constituem anteparos vivos contra esse receio de perda da magia. O observador penetra num mergulho progressivo sobre o que é “a essência interna das forças” uma vez em que é surpreendido com a mágica infinitude dos céus — conhecendo o que outros ignoram.

Note-se: a eficácia de tais anteparos depende — ainda — da redução de “uma certa turbidez da alma” (*eine gewisse sentimentale Trübheit des Gemüts*), repassada como emotividade frágil incapaz de sustentar a visibilidade mágica da Natureza. Assim, se a turbidez vem da alma, o natural é buscar seu oposto na mente forte, ou seja, em outras camadas mentalizáveis em que se re-apresenta o cenário mimético: a “vista grandiosa”, o “olhar inaugural do botânico” (*eingeweihten Blick des Botanikers*) têm o efeito de incidir sobre uma consciência renovada do “poder misterioso” (*geheimnisvollen Macht*) — porque servem de estímulos sensíveis para cifrar o visível na lógica do invisível. O valor mágico da Natureza ocorre, então, de modo tanto marcadamente visual quanto radicalmente não-apreciável pelo sentido da visão, mantendo-se, contudo, quase sempre em trânsito de uma situação a outra. Os apreciadores e, sobretudo, os naturalistas, ao empregar o ilimitado da imaginação, recriaram uma face mágica da Natureza. E toda essa face aparece invisivelmente na Natureza como “escuridão”, “poder misterioso”, uma espécie de filtro, rede de representação que funde elementos tão díspares como magia e pesquisa científica, visível e invisível.

Pode-se esperar que essas forças, magicamente atuantes na “escuridão de um poder misterioso”, tornem-se visíveis a todos que lêem as descrições naturalistas ou que elas se resguardam sempre como segredo dos naturalistas — os quais, em particular, se protegem da diversidade vertiginosa das aparências? (Essa questão será tratada no próximo item).

Para completar o efeito mágico da Natureza recorre-se à relação identitária da linguagem com o estado das coisas em geral. Houve, por exemplo, a medida requerida pela defesa da magia, na forma do autor investir na composição de uma linguagem universal, i. e., uma linguagem híbrida realizada no trânsito do poético e do científico. Uma linguagem — efeito puro — que impressiona assim como a natureza, avistada e apreciada, impressiona a quem comunga de seu contato. Esse tratamento da linguagem chega a revelar traços que ocorrem “fora do âmbito das condições geralmente reconhecidas da Natureza” (*außerhalb des Gebietes allgemein erkannter Naturbedingungen liegt*). E a liberação da imaginação é, decerto, condição necessária para acordo tão particular dela com o real. Manobra idealista, a entrada da mágica não é sonho ou criação solipsista do autor. É a autêntica participação do mundo, de todo o universo, de sua geografia e sua história; é, precisamente, o universo refletido na cosmovisão.

4.2.

“A comunhão com uma inteligência superior”²⁷

Fixemo-nos no conhecimento, no êxito da ciência que o *Kosmos* nos induz a acreditar. Um leitor do século XIX, que viaja, sabe e estuda a Natureza, suponho, nem tenha idéia do que seja — a “comunhão com um inteligência superior”, a “apreciação reflexiva dos fenômenos”, a limitação e compreensão do singular pela ciência, a “clareza e vivacidade mais objetiva” da ciência; o “surdo vislumbre” sobre as “misteriosas forças do universo”. Porém não nos surpreende que o *Kosmos* tenha tido tamanha repercussão em sua época, e que poucas pessoas familiarizadas com noções de física, leis da ótica, raciocínios matemáticos se tenham devotado a sua leitura. Não se deve, em todo caso, afirmar que tal repercussão representa a regra geral na sociedade burguesa. A verdade é que os leitores eram atraídos para obter a novidade aparatosa da ciência; ela trazia consigo experiências e intuições. Experimentar, ver com os olhos da mente, e intuir, era o que tornava a leitura do *Kosmos* tão cobiçada; ela punha o leitor — ideal — em comunhão com a “inteligência superior”, lhe restituía a mágica por trás das coisas aparentes, e o sentimento de pertencimento que lhe recusara o desencantado mundo moderno. Bem providos de intuições elevadas, bem cultivados, os leitores podiam enfrentar a multiplicidade vertiginosa, os “elementos singulares, desmontados”, sem falar na vantagem de conhecerem melhor o mundo como Todo e parcialidade, ao mesmo tempo — a diversidade das regiões, por exemplo.

Esses recursos, que caracterizam a ciência humboldtiana, sugerem vivacidade aos sentidos, a capacidade espantosa de observar a Natureza empiricamente e imaginar a verdadeira medida da totalidade, do “misterioso vínculo” (*geheimnisvolle Band*) que reúne a infinidade e diversidade de dados imediatos um após o outro.

Captando o essencial para esse item, considere-se ponto de partida fecundo da ciência humboldtiana: sua fundamental dimensão antropológica é a alma humana, esplêndido signo do conhecimento e da imaginação; identificação

²⁷ HUMBOLDT, A., 1978, p: 15.

da imaginação com a sombra do conhecimento, assim Humboldt a identificava; e não lhe terá escapado que a disposição da alma para conhecer pressupõe a fantástica não-explicação dos fenômenos e sua leis. Portanto, a ciência torna-se possível em Humboldt no fluir dos valores instantâneos da imaginação e da fantasia.

Para Humboldt, a imaginação — sinonímia de fantasia — está ligada à alma, à disposição da alma. Sendo o exercício do “livre jogo de suas criações” (*freie Spiel ihrer Schöpfungen*), ela tem o poder de apurar “aquilo que não pode ser perfeitamente alcançado pelos sentidos” (*was von den Sinnen nicht vollständig erreicht werden kann*). Nesse sentido, ela é efeito, produz auto-atividade no espírito. Altera a disposição da alma. Sua ação é “consoladora (*erheiternd*) e suavizante (*lindernd*), fortalecem e reanimam o espírito cansado (*starken und erfrischen den ermüdeten Geist*)”²⁸. O “reflexo da natureza na imaginação e no sentimento” (*Reflex der Natur auf die Einbildungskraft und das Gefühl*) serve de “meio de estímulo” (*Anregungsmittel*) ao estudo da natureza²⁹.

Mas, sendo a imaginação parte da experiência, dentro dos “sistemas filosóficos da natureza” (*naturphilosophische Systeme*), está sujeita a certa atemporalização por meio do relato, e está, também, sujeita às injunções do tempo e do espaço em que vive e por onde passa o naturalista. Percebê-lo é compreender o alcance do artifício, a natureza poética dos “sítios românticos” (*romantischen Gegend*), e a influência que a geografia, as condições materiais do mundo externo, “o caráter individual da paisagem” (*individuelle Charakter der Landschaft*)³⁰ exercem sobre a imaginação. A cena da natureza, corriqueira, adquire valor expressivo de imagem paisagística suavizante e consoladoras; o seu caráter parece encarnar a ambiência romântica, “pois”, afirma Humboldt:

O que há de incomensurável, ou mesmo de horrível na natureza, tudo aquilo que ultrapassa nossa capacidade de compreensão (*Fassungskraft*) torna-se fonte de regozijo (*Quelle des Genusses*) em um sítio romântico. A fantasia (*die Phantasie*) exercita o livre jogo de suas criações (*Schöpfungen*) sobre aquilo que não pode ser

²⁸ HUMBOLDT, A., 1978, p: 4.

²⁹ O “reflexo da Natureza na imaginação e no sentimento” é um dos pré-requisitos para o que Humboldt chama de um “tratamento científico de uma descrição física do mundo”. Ver capítulo “*Kosmos, Begrenzung und wissenschaftliche Behandlung einer physischen Weltbeschreibung*”. In_ HUMBOLDT, A., 1978, p: 30-46.

³⁰ *Ibid.*, p: 5.

perfeitamente alcançado pelos sentidos; seu efeito (*ihr Wirken*) toma um outro sentido junto a cada mudança da disposição da alma (*bei jedem Wechsel in der Gemütsstimmung*) do observador. Iludidos, acreditamos ser acolhidos pelo mundo exterior por aquilo que nós mesmos nele projetamos³¹.

A imaginação traduzir-se-ia em que seu efeito não só é mais fecundo, e tem um alcance maior ou menor em certa “disposição da alma”, como depende da configuração física do objeto imaginado, do caráter individualizante do local. Humboldt, neste sentido, é curiosamente categórico:

Os espaços celestes assim como os tapetes vegetais florescente garantem certamente (...) ao físico (...) ao astrônomo (...) ao olhar inaugural do botânico, uma vista grandiosa, bem como ao observador, cujo sentido da natureza ainda não está depurado por meio da inspeção sobre a conexão dos fenômenos³².

Não se pode omitir em relação à atitude específica que o naturalista tem para com a carga simbólica da imaginação — que é abordada, sempre que possível, a partir do valor poético dos “sítios românticos”. Dependendo do lugar onde o cientista chega para contemplar tal ou qual cena da natureza experimenta graus diferentes de regozijo estético. A “magia do mundo sensível” (*Zauber der Sinnenwelt*)³³ depende do “caráter individual da paisagem”. Um naturalista nos trópicos não imagina a mesma coisa que um outro viajando pela Europa. Isso não quer dizer que exista uma versatilidade absurda da imaginação, há, sim, diferentes imaginações com o mesmo *pathos* —, embora todas dependam, cada qual, de um tipo distinto de objeto imaginativo que afeta a vida humana. Humboldt, por exemplo, empenha-se em descrever a visão de um ponto geográfico privilegiado a partir do qual o leitor ou o viajante possa contemplar, num exíguo espaço, uma das cenas mais imponentes da Natureza. Relata:

A região montanhosa próxima ao Equador tem uma outra qualidade, que não foi suficientemente observada: é a parte da superfície de nosso planeta onde a

³¹ HUMBOLDT, A., 1978, p: 5.

³² Ibid, p:5.

³³ Ibid., p: 6.

variedade de impressões que se tem da natureza atinge seu máximo no mais exíguo espaço. Na cordilheira dos Andes de Nova Granada e de Quito, profundamente sulcada, é dado ao homem mirar simultaneamente todas as formas das plantas e todas as constelações do firmamento. Um só olhar abarca helicônias, palmeiras emplumadas ao alto, bambus e, ainda sobre as formas do mundo dos trópicos: florestas de carvalho, *mespilus germanica* e umelíferas, como em nossa terra natal alemã; um só olhar abarca o Cruzeiro do Sul, as Nuvens de Magalhães, as estrelas condutoras da constelação do Urso que circulam pelo pólo norte. Lá, o seio da terra e os dois hemisférios celestes exibem toda a riqueza de seus fenômenos e formações heterogêneas. Os climas, assim como a zona de vegetação determinada pelos climas, lá está armazenada como que em camadas, uns sobre os outros. Lá, as leis do calor decrescente, compreensíveis pelo observador atento, estão gravadas na vertente da montanha, com traços eternos sobre rochedos da Cordilheira dos Andes. Para não tornar esta reunião fatigante com idéias que tentei apresentar figurativamente em uma obra específica sobre a *Geografia das Plantas*, destaca aqui umas poucas recordações da “pintura da natureza da região tropical”. O que se funde no sentimento, sem esboços e perfumado como o ar da montanha, pode ser concebido pela razão meditativa (*grübelnde Vernunft*) — após as relações causais dos fenômenos — apenas em elementos singulares, desmontados, como expressão de um caráter individual da natureza. Mas no meio científico, assim como no âmbito mais alegre da poesia de paisagem (*Landschaftsdichtung*) e da pintura de paisagem (*Landschaftsmalerei*), a apresentação ganha mais clareza e vivacidade mais objetiva, na medida em que o singular for certamente compreendido e limitado³⁴.

Com tais afirmações, Humboldt procura justificar a vida humana enquanto afetada pelos efeitos, vivo e objetivo, da física do mundo. Seja o cientista, seja o poeta ou o pintor, experimentam intuitivamente a força da imaginação, pois ela penetra a vida, permeia tudo na vida que é vida. Porém, esse valor intuitivo da imaginação não pode ser conhecido, apenas experimentado ou exemplificado; daí Humboldt nunca tematizar a relação da imaginação com a arte e a literatura autônoma, e apenas relatar uma poética experiência científica do mundo a partir do espelhamento reflexionante da *Darstellung* simbólica.

A expansão da imaginação está em Humboldt, portanto, ligada à importação ilimitada do real-empírico pela disposição imaginativa. No entanto, a “direção diferente em cada disposição da alma do observador” torna o efeito da imaginação o verdadeiro comando assumido pelo cientista sobre a realidade: por um lado, equivale à plena beleza natural ostentando perfeita harmonia; por outro, equivale ao “livre jogo de suas criações” que, insatisfeito com os aspectos informes, múltiplos e “despedaçado” dos dados empíricos, apega-se a “um surdo vislumbre” (*ein dumpfes Ahnen*) de que há “leis internas e imutáveis” (*inneren*

³⁴ HUMBOLDT, A., 1978, p. 8.

ewigen Gesetzen) que regem “a misteriosa força” (*geheimnisvolle Kraft*) do universo. Assim, como o real a agita, à maneira intuitiva, é como a imaginação humana representa a força mágica da natureza. E, sendo a verdade poética das cenas imponentes da natureza dependente de um encontro prazeroso com a realidade, ou com o próprio apego da imaginação à investigação impessoal das leis, ela só se configura na mente do naturalista à força de sua disposição para imaginar e conhecer que é, em última instância, fortemente influenciada por sua imaginação.

Ora, com a menção ao comando da imaginação, com sua carga simbólica, as descrições naturalistas de Humboldt, tributárias do velamento e do desvelamento de caráter antropológico, se comunicam por ativo olhar mental. E são, paradoxalmente, consumidas como atos que liberam o imaginário, porque — frise-se — pertencem a uma territorialidade não-documental, e contém uma verdade relativa ao desejo e valores morais de seus leitores. Pode-se resumir: ao leitor cúmplice, a descrição naturalista aponta para um transbordamento da imaginação, sentimentalizando o espírito no circuito dos efeitos de consolo e elevação que os objetos imaginativos presentificados tornam possível. Daí que a imaginação se reifica em “sopro de vida” (*Hauch des Lebens*), e nunca se dá para ler e compreender o assombro e o vazio inerentes ao sublime kantiano.

No processo de gestação do *Kosmos*, a sociabilidade³⁵, cultivada nas conferências realizadas em Berlim e Paris, também indica a importância atribuída por Humboldt ao efeito. Todavia, a imaginação, para se tornar o foco de interesse das narrativas científicas, não deve ser concebida de maneira tão abstrata, como vem teorizada no texto kantiano *A Crítica da faculdade do juízo*, onde é definida como capaz de produzir síntese imagístico-intuitivas. Ela haverá de formar uma

³⁵ No “prefácio (*Vorrede*) ao *Kosmos*, de 1844, Humboldt alude à importância das conferências: Sabendo que as conferências oferecem um meio simples e decisivo de provar a boa ou má “concatenação (*Verkettung*)” das diversas partes de uma “doutrina (*Lehre*)”, passei muitos meses fazendo conferências a respeito da descrição física do mundo, do modo como concebo a ciência, primeiro em Paris, em francês, depois em Berlim, em nossa língua própria, a bem dizer concomitantemente na grande galeria da **Academia de Canto** e em uma das salas de aula da Universidade de Berlim. Falando livremente, tanto na França quanto na Alemanha, não deixei nada por escrito sobre minhas conferências. Tampouco conheci os cadernos surgidos a partir da diligência de meus atentos ouvintes, não tendo sido eles então utilizados, neste livro, a ser em breve publicado”. In_ HUMBOLDT, A., 1978, p: XXVII.

ligação com o desejo de fazer presente a potência mágica da Natureza. Desejo, aliás, que move todo o processo representacional — estético, moral e científico — da ciência humboldtiana, e que começa desconsiderando a oposição entre arte, ciência e efeito compensatório. Uma tal aliança da imaginação com a ciência e delas com o poder da retórica está, literalmente, no centro da argumentação que Blumenberg apresenta em seu texto:

Não é somente no domínio do assunto que a intenção é manifestada; ao invés, é a determinação para apresentar, para criar uma substituição que o viajante sempre buscou, durante sua vida, até o ponto: a presença da natureza *in propria persona*. Uma das mais antigas metáforas européias, de que a natureza é como um livro, produziu a curiosa inversão de que o livro precisa ser como a natureza para os seus leitores: “Um livro sobre a natureza precisa produzir a mesma impressão da natureza”. Assim, mesmo que seja verdade que o autor do *Kosmos* é um representante para o seu leitor, é quem gostaria de dividir esse privilégio de uma vida de viagem e investigação com seus leitores, *ex post facto*. Então, a linguagem do trabalho não pode ser mais instruções para intuição que poderia ser executada em qualquer hora por qualquer um; ao invés, isso substitui o lugar dessa intuição³⁶.

A imaginação, entrelaçada com a linguagem simbólica do romantismo, se radiografada, estruturar-se-ia aqui como presentificação de uma intuição. Presentificação porque ela arranja o presente, de tal modo, que este reedita constelações de impressões ocorridas no encontro direto com a natureza e desperta no imaginário a satisfação espiritual previamente almejada. É como se o leitor visse com seus próprios olhos a realidade outrora captada pelo autor, substituindo a viagem por uma descrição retórica dos fenômenos naturais — que constitui, por sua vez, a melhor indicação da “presença” do “mundo” visualizado e imaginado, pois conota a instantaneidade da percepção do mundo como “presença”. Sobre esse papel de atualização da intuição (“a presença da natureza *in propria persona*) e sobre o pesquisador naturalista como espécie de procurador do leitor, Humboldt traz uma formulação alusiva à questão: “O estudo de cada nova ciência (...) que compreende a incomensurável esfera da criação (*die ungemessenen Schöpfungskreise*), o conjunto do universo (*den ganzen Weltraum*) é igual a uma viagem a um país distante”³⁷.

³⁶ BLUMENBERG, H., 1987, p: 17.

³⁷ HUMBOLDT, A., 1978, p: 23.

Viagem, impressão total, cosmovisão, perspectivismo, estes são os nomes de termos e princípios que foram surgindo em nossa reflexão sobre a ciência poética. Como ainda veremos, tais temas receberão sentido, cada vez mais preciso, ao longo de nossa motivação para afirmá-los como signos românticos que abrangem o Todo. No *Kosmos*, é clara a preocupação de Humboldt com um método específico de tratamento da linguagem. O texto de Blumenberg, acima transcrito, repõe essa preocupação sob a perspectiva da linguagem enquanto tal. Não há, porém, como deixar de declarar ao menos duas premissas. A primeira, óbvia, é que a linguagem da ciência humboldtiana, utilizando-se da imaginação, atualiza *post factum* a intuição experimentada junto à natureza; a segunda é que, sua leitura, começa por considerar a determinação antropológica do conhecimento científico que ela gera.

Uma vez admitida consistência na interpretação de Blumenberg há de se atentar para o fato de que tal preocupação em princípio técnica com a linguagem revela-se aos poucos em uma aposta na totalização deflagrada pela *Darstellung* estética da linguagem — cujo rendimento torna-se avultoso com a introdução da magia e da excitação para o misterioso e o sublime no mundo. Essa aposta deriva da forma simbólica (Conf. cap. 1) e da conseqüente superação do ponto de vista psicológico de representação. É o admirável mundo que se desvela para o homem. A ação poética da linguagem é pelo narrador-naturalista enunciada sob as formas de mediação da “visão geral”, da cosmovisão, da “impressão total”. Arrebatado por essas experiências, o leitor se apossa definitivamente da linguagem própria para lidar com o mundo real e com seu vir-a-ser Ideal.

Formula-se, então: a dominância idealista sobre a realidade faz nascer certa arte de expor, narrar e descrever³⁸ que constróem, por sua vez, um rico jogo de planos entre atos de ver, conhecer e sentir que se interligam, aqui, pelos critérios de vivacidade, transparência e sentimento de sublime.

O plano da visão, i. e., da cosmovisão, designa o que é dado a ver num contato intuitivo com a “natureza viva em sua sublime grandeza”. Observe-se quanto à aproximação do plano do conhecimento — descobrindo leis ocultas que regem o Todo — com o plano do sentir que, a reflexividade estética é

³⁸ Para análise do modo descritivo representacional que se apoia na concretude dos sentidos físico-sensoriais para percepção e semantização das experiências, ver o belíssimo livro de ALPERS, S., 1983.

indispensável à especularidade entre o ato da visão e do saber. Revelando o visto e o imaginado como Real, emerge uma visualidade vibrante que reúne olho, mágica e espelho na figuração *in persona* da Natureza. Daí nasce um humanismo poético e sua flagrante qualidade universal para Idéias estéticas normativas.

Mas, afinal, o que envolve a cosmovisão e qual o estatuto que ela terá no interior dos trabalhos de Humboldt? Ora, lendo o *Kosmos*, nosso esforço é, sem dúvida, captar significados inauditos para o autor, sem, contudo, subestimar os paradigmas descritivos e o contexto cultural-científico que ele atribui ao *Standpunkt* elevado. Começemos pela definição do que ele chama de uma “inteligência superior” (*höheren Intelligenz*)³⁹ que se dá no “progresso geral da formação humana” (*allgemeinen Fortschreiten menschlicher Bildung*)⁴⁰. É, segundo ele, a “orientação do espírito que dissolve o múltiplo na unidade e se atém preferencialmente ao que há de mais geral e mais elevado”⁴¹. A cosmovisão, além de ser uma forma de *Darstellung*, é “a comunhão” (*die Freuden*)⁴² com uma “inteligência superior”, que abre a possibilidade de emergência do conteúdo *metafísico* da Natureza — contado a partir do “espírito humano” — para quem razão e sensação se interpenetram e formam o correlato essencial com o mundo da realidade⁴³. Portanto, para efeito da dimensão cósmica da visão, há tanto o cancelamento da subjetividade separado do mundo quanto da objetividade fria dos objetos e fenômenos naturais. Pois somente a imaginação, ativada pela cosmovisão, propicia o fenômeno, original e uno, e a familiaridade entre a consciência interna e externa sobre a Natureza.

Hans Blumentberg, comentando a “antinomia” imposta à história da consciência européia pela “descoberta” do “cosmo e tragédia”, na Grécia, — que expressava o fato de que os deuses não eram responsáveis pelo cosmo e de que o homem, localizado na margem mais baixa do cosmo, não só não pertencia ao cosmo, como se mantinha oposto a ele — enfatiza a vinculação, posterior,

³⁹ HUMBOLDT, A., 1978, p: 15.

⁴⁰ Ibid., idem.

⁴¹ Ibid., idem.

⁴² Ibid., idem.

⁴³ Para Max Scheler, o homem é um ser essencialmente metafísico, porque mantém uma “relação” (...) com o fundo do universo”. In _SCHELER, M., 1938.

inaugurada na cultura grega entre “intuição” (*Anschauung*) e *theoria*, propulsora tanto da própria idéia antiga de filosofia como de um conceito de realidade reconhecido a partir de seu “modo bi-dimensional da aparência”⁴⁴. É pertinente, segundo Blumenberg, conceber acerca da cosmologia antiga, i. e., geocêntrica que sua hipótese intensificou a posição privilegiada ao homem no universo que permitiu a suposição de que “‘ver’ (*Schauen*) é ‘ver através’ (*Durchschauen*)”⁴⁵.

O homem, na forma de contemplador e admirador encantado, foi integrado ao cosmo e liberado do pessimismo atroz gerado pela gravidade dos impasses que cercavam a existência na Grécia. O cosmo, nesse sentido, é sempre oportuno na Grécia. Dele, foi gerado, pela primeira vez, um comportamento teórico capaz de desafiar com tamanha desenvoltura moral e apreciação estética a condenação furiosa dos deuses. É coisa manifesta, dirá Blumenberg, o fato de que se os gregos “descobriram [ou inventaram: (*erfinden*)] o cosmo e tragédia” é porque não mais os contentava a idéia de representar o mundo e a vida como uma “expressão do fato de que os deuses não são responsáveis pelo cosmo, não o criaram, e estão, como estavam, no ponto de abandoná-lo em favor da transcendência ou dos mundos intermediários, enquanto o homem localizado apenas na margem mais baixa do cosmo, numa zona em que seus elementos são os mais confusos, não só nunca pertenceu a ele como se manteve oposto a ele”⁴⁶. A verdade, porém, é que o sentido trágico derivava do limite imposto à vida humana pelos caprichos dos deuses e a única forma de se libertar dele era tentar justificar o fato da vida junto à justificativa do fato do mundo, sobretudo sem apelar para uma cosmogonia mítica ou qualquer representação religiosa habitual. E justificar a vida junto ao contexto do cosmo era atribuir exclusivamente ao homem a habilidade de tornar transparente para si o mecanismo do mundo⁴⁷.

⁴⁴ BLUMENBERG, H., 1987, p: 17.

⁴⁵ Ibid., idem.

⁴⁶ Ibid., p: 8.

⁴⁷ Blumenberg explica que essa antinomia presente desde o início da história da consciência européia deve-se ao fato de que “os Gregos descobriram (ou inventaram: *erfinden*) o cosmo e a tragédia”. Esta tese apresentada por Jacob Burckhardt foi desenvolvida posteriormente por Blumenberg.

Como uma visão pessimista da vida estivesse a expressar o eterno abandono do destino humano aos caprichos dos deuses, a visão otimista dizia consigo que havia alguma coisa mais que tragédia: o próprio cosmo.

Considerando as formulações de Blumenberg, foi evocando um terrível pessimismo que o Coro de *Édipo em Colono* representou a pungente tragédia nascida entre os gregos: “O melhor (para o homem) é não haver nascido”. A posição otimista, porém, é somente a contrapartida deste sentido trágico e deriva, por sua vez, da resposta que Aristóteles atribui a Anaxágoras quando este se

Há nesta idéia uma causa moderna que dá à conexão entre vida e cosmo o sentido eudemonista da vida e do destino humano, causa tão particular, entretanto, que dava lugar à expressão nova, antropocêntrica, na relação existência e cosmo. Ora, se a razão queria poupar o homem, a existência dava a mão à natureza e de uma e de outra saía a frágil medida do propósito da existência. Tudo concorria assim para neutralizar as exigências divinas que recaíam sobre os homens⁴⁸.

Através de nova aproximação do sentido da palavra ‘teoria’ para os gregos — o homem sendo capaz de ver e admirar a beleza do cosmo — pode-se compreender ainda mais o significado da cosmovisão como “a comunhão com uma inteligência superior”. Ansioso por elevar-se a uma intuição, a propósito triunfal, Humboldt havia de repor a concretude dos materiais brutos. Assim ele promove a mesma crença grega pela verdade como aparência e velamento, tentando dizer o que é a “presença” através do que não aparece — do que magicamente intuído no contato direto é imaginado à distância. A “visão geral” das descrições naturalistas excede a concretude do material dizendo de outro modo que — como já ouvimos enunciado em Humboldt — dela se faça definitiva a satisfação moral que neutraliza uma possível discórdia entre as duas visões de mundo, a visão do que é a imediaticidade da presença e a visão da presença através do que não aparece imediatamente e está como que colocado entre parênteses. Precisa-se declarar que a visão, subjacente ao pensamento humboldtiano, tanto por recuperar a visão da totalidade do cosmo pelos gregos é a arte de zelar pelo tipo de verdade nutrido pela unidade da aparência e velamento e dirigida, em última instância, ao conforto moral em foco. Através da ligação direta

pergunta: “porque alguém escolheria nascer tendo a possibilidade de não nascer”. E somente porque a resposta, “por ver os céus e a inteira ordem do universo” (Ética a Eudímio, 1216 a 11-12), reside num puro acatamento e apego para com o fato da vida, é que se pode pensar, segundo Blumenberg, que o cosmo justifica a existência do homem. Nas palavras do filósofo “essa resposta não vê o homem no contexto do cosmo que é justificado como tal (...) Ela vê o cosmo como o propiciador de uma oportunidade para justificar a vida (...) através da escolha da ação teórica. O cosmo é uma oportunidade de sorte para o homem, embora ele não exista por sua causa”⁴⁷. A contemplação dos céus fica sendo a reconciliação humana com o destino da vida, e o homem, se há justificação, ressona as forças harmônicas produzidas pelo universo. In_BLUMENBERG, H., 1987, p. 10.

⁴⁸ Há um belo verso do *Fausto* de Goethe que expressa o desafio que cosmo e vida humana representam para a existência do trágico na Grécia. Mefistóteles ao Altíssimo: “Viveria ele algo melhor, se da celeste/ Luz não tivesse o raio que lhe deste; / De Razão dá-lhe o nome e a usa afinal, (...)”. In_GOETHE, J. W., 1981, p: 36.

com fatos isolados, o espírito se lança num comportamento mental e abstratizante, contemplativo e confortável.

Na exata medida do possível, constata-se, de certa maneira, um vínculo entre a noção grega de teoria e a *Darstellung* estética da ciência por Humboldt. Seria talvez o mais próximo que se poderia chegar de uma caracterização concisa dessa ciência profunda, mas de impacto imediate — que abrange condutas éticas e experiências de sublime avessas ao trágico e, portanto, próprias à grandiloquência⁴⁹; um embate já saturado com a gênese e pela curiosidade teórica na tradição racionalista do Ocidente. Se nos lembrarmos da argumentação de Gadamer “acerca do filosófico nas ciências e do científico na filosofia”⁵⁰ veremos em que o comportamento teórico aqui focalizado sobre os “fatos isolados” e os “resultados gerais” obedecem ao sentido grego da palavra *theoria*. Ele comenta:

A palavra ‘teoria’ é uma palavra grega. Representa a caracterização propriamente dita do homem, esta aparição quebrada e subordinada dentro do universo que, apesar de suas reduzidas e finitas medidas, é capaz da intuição pura do universo. Porém, a partir do grego, seria impossível ‘formular’ teorias. Isto soa como se fôssemos elas mesmas. A palavra não significa — tal como sucede com o comportamento teórico assumido a desde a autoconsciência — aquela distância em relação ao ente que permite conhecer imparcialmente o que é e, desta maneira, submetê-lo a uma dominação anônima. A distância da teoria é bem mais a da proximidade e da pertinência. O velho sentido da teoria consiste na participação nos cerimoniais em honra dos deuses. O contemplar o processo divino não é a comprovação, sem participação, de um estado de coisas, ou a observação de um magnífico espetáculo, mas uma autêntica participação nos acontecimentos, um real estar presente. Por isso, a racionalidade do ser, esta grande hipótese da filosofia grega, não é, primariamente, uma nota distintiva da autoconsciência humana, mas do ser mesmo, de tal maneira que é o todo e, assim aparece como o todo, a circunstância de que a razão humana tenha que ser pensada, sobretudo, como uma parte desta racionalidade; e não como a autoconsciência que se sabe frente ao todo”.

O fato de o autêntico sentido da teoria poder ser resumido por Gadamer mesmo com toda sua complexidade, permite que sejam definidos, no curso dessa reflexão, os termos mais apropriados ao comportamento teórico da modernidade.

⁴⁹ Vale ler passagem de Humboldt que, mais adiante, será esmiuçada: “O que eu nomeio como descrição física do mundo (comparáveis à geografia e à astronomia) não pretende alcançar uma categoria de uma ciência racional da natureza; é a apreciação reflexiva dos fenômenos através da empiria, tomados como fenômenos do todo da natureza *in* Humboldt, A von: op. cit., 1978, p: 22.

⁵⁰ GADAMER, H-G., 1983.

Entre os gregos, os laços que unem o homem ao universo são bem mais estreitos de que tudo quanto pode alcançar nossa imaginação. A própria “autêntica participação nos acontecimentos” é antes fruto de uma comunhão assídua com a vida íntima do cosmo. Dessa harmonia entre o homem e o universo nasce uma inventiva fértil e pronta, uma imaginação sempre alerta, e uma atenção quase divinatória que para o homem moderno parece atingir os limites do miraculoso.

A citação de Gadamer resume o autêntico sentido da teoria — a participação e a concomitante supressão da autoconsciência separada da racionalidade do ser e do mundo. O filósofo anuncia a raiz “propriamente dita do homem”. Repassando toda a finitude que caracteriza a figura do homem no Ocidente, ele significa outra vez o humano: o homem é um ser teórico perante a enormidade transparente da realidade cósmica e, essencialmente, uma “aparência quebrada e subordinada dentro do universo (grifo nosso)”. Ora, se o homem representa a “aparência”, só lhe resta ser exposto por meio de algo que lhe é historicamente essencial — a linguagem — até transparecer a sua “participação”, i. e., sua existência. Uma linguagem que disponha de uma acuidade dos sentidos que ultrapassa qualquer raciocínio. É deste sentido da caracterização antiga da *theoria* que parece se aproximar a disposição duplamente contemplativa e racionalista do cosmo em Humboldt, em especial, quando se pensa a tendência de se tomar “a distância da teoria” bem como “a da proximidade e da pertinência”. Uma vez examinado o significado da palavra grega *theoria*, devemos encontrar no *Standpunkt* elementos que permitam ao espírito conhecer e acompanhar o tom da totalidade. Uma análise segura do *Standpunkt* como signo da cosmovisão nos ensina o meio de alcançar a ânsia romântica de figurar a distância de si como partida para que algo se introjete no espírito.

Preservar essa idéia da “proximidade” e da “pertinência” — observe-se — contra a pressão do real, ou o “acúmulo infinito de material bruto” (*endloses Anhäufen roher Materialien*), exige a imaginação e o âmbito científico, ainda que em fluxo temperado. “O acúmulo infinito de material bruto”, quando os instrumentos cada vez mais precisos ajudavam a ampliação progressiva dos horizontes de observação, ameaçava fazer desaparecer os próprios expedientes dos cientistas preocupados com a “inteligência superior” em que “se dissolve o

múltiplo na unidade e se atém preferencialmente ao que há de mais geral e elevado”.

A harmonia entre razão e imaginação — faculdades igualmente abstratas que o texto humboldtiano coloca em posições dependentes e, muitas vezes, equilibradas — impede-nos de apelar para a distinção entre mundo concreto e mundo abstrato como um *divisor* da Natureza em pauta. Apesar da primazia alcançada pelo concreto na listagem de cenas exuberantes para o contemplador, na sistematicidade de dados e leis auferidas pelos instrumentos de medição e na consideração respeitosa pelos resultados das ciências físicas, predominam, no método de exposição da ciência humboldtiana, considerações de ordem estritamente abstratas.

Em certa passagem, uma crítica caracterizando os erros de um empirismo vicioso e/ou a agregação enciclopédica dos resultados gerais, acompanha com grande força antitética, a apresentação dos termos do que seria sua filosofia da natureza, ensaiada no *Kosmos* pela denominação de “descrição física do mundo”. De saída, Humboldt deixa claramente explicitado que em seu “tratamento científico de uma descrição geral do mundo” jamais é seu objetivo configurar a “unidade através de dedução de poucos princípios fundamentais dados pela razão”⁵¹. Ele insiste sobre o reconhecimento de uma certa abstração, cuja base a propósito da física do mundo deveria tanto no material quanto no espiritual. Ele afirma:

Em minhas considerações sobre o tratamento científico de uma descrição geral do mundo não se tratam de unidade através de dedução de poucos princípios fundamentais dados pela razão. O que eu nomeio como descrição física do mundo (comparáveis à geografia e à astronomia) não pretende alcançar uma categoria de uma ciência racional (*rationelle Wissenschaft*) da natureza; é a apreciação reflexiva dos fenômenos dados através da empiria, tomados como fenômenos do todo da natureza (*Das Naturganze*). Unicamente dentro dessa delimitação, junto a uma direção totalmente objetiva de meu modo de pensar (*Sinneart*), pisando no campo dos esforços que, preencheram exclusivamente o meu extenso currículo científico (...) A unidade, que a exposição de uma descrição física do mundo pode alcançar, o que eu pretendo, é apenas para poder satisfazer as apresentações históricas (...) A descrição do mundo e a história do mundo estão em um mesmo nível da empiria⁵².

⁵¹ HUMBOLDT, A., 1978, p. 22.

⁵² *Ibid.*, idem.

Se o objetivo de Humboldt não é uma “ciência racional”, mas algo que possa diretamente ligá-lo a uma “apreciação reflexiva dos fenômenos dados através da empiria” envolvendo uma “direção totalmente objetiva no [seu] modo de pensar”, não legaríamos a escanteio a exigência de um afastamento do viés tão-somente empírico. A natureza recebe um tratamento realista e abstrato, em que as individualidades acidentais, tanto por sua essência variável da realidade, racionalmente construídas, como pelo seu conjunto dos fatos registrados, insinuam pela contiguidade de “física do mundo” e ciência da natureza uma atitude nunca puramente abstracionista ou empirista. Complementação empírica racionalmente induzida, que marca a passagem do vertiginoso mundo dos fatos concretos para um regime de apreensão especulativa. Uma “física do mundo” fundada sobre a fruição estética do Todo da Natureza, converte-se num estudo sobre “a imensurável esfera da criação”. A despeito da concretude e abundância das matérias, ela ganha caráter tão abstrato que passa a preencher o campo das ciências experimentais destinadas a explicar o “mundo dos fenômenos físicos” remontando a um regime mágico e, portanto, oculto.

Para quem a apreciação igual de todos os ramos das ciências matemáticas, físicas e naturais constitui a riqueza de uma época em que a riqueza material dos Estados e sua prosperidade crescente são fundadas principalmente sobre o emprego mais engenhoso e mais racional das produções e das forças da natureza é salutar o equilíbrio, a ser manejado, entre o ânimo pelo concreto e pelo abstrato da razão e da imaginação. Em ambas, conjuga-se um processo cuja dinâmica transtorna inteiramente a familiaridade do concreto e de seu reconhecimento inicial, remontando à existência de leis ocultas permanentes e à generalização progressiva dos fenômenos. Já que é como porta-voz da satisfação da mente — e não do concreto — que a ciência de Humboldt se autodesvela, como agente de uma exigência de época atribuída à espécie humana, tanto pelo seu impulso generalizador quanto racional.

A razão, compreendida como co-pertinência de pensamento e intuição, distancia o sujeito do vertiginoso mundo da realidade objetiva e coloca à sua frente a beleza harmônica da natureza, o lado bom da contemplação do universo, o prazer estético mediante as cenas naturais, sem perda, é claro, do sentido cognitivo da pergunta científica sobre as leis. Mas a conclusão mais precisa

resulta de que a cosmovisão consiste numa mirada em que se estabelece uma relação metafísica do homem com o fundamento da natureza, mediante a objetivação ou exteriorização de sua própria consciência.

Entretanto, pode-se alegar que Humboldt romantiza a relação da ciência com a natureza, como se esta fosse a representação simbólica do paraíso perdido, a partir da qual qualquer mecanismo impessoal exilaria o homem. Na verdade, antropológicamente falando, Humboldt torna claro que o trabalho científico traz claros benefícios espirituais para o indivíduo, inclusive porque distingue a humanidade como uma espécie especialmente favorecida. Na verdade, a ciência é aqui encarecida com a noção de intuição originária do universo, traduzida na preservação da pureza da intuição, e desta maneira, priorizando a intensidade da experiência sobre sua expansão. Mas, o que significa uma pureza da intuição? A intuição, no sentido humboldtiano, não designa, como em seu sentido moderno, somente um acesso não racional à verdade, ela está muito próxima do sentido de *Anschauung*, (inerente na *theoria* grega) que encobre os atos de olhar, contemplar, observar e perceber dos gregos. E, na verdade, essa idéia antiga de *Anschauung* é uma combinação indissolúvel de aspectos morais, estéticos e científicos conectados ao sentido da visão que, aliás, foi perdendo seu valor dentro do processo de desenvolvimento das diversas disciplinas cada vez mais instrumentalizadas.

Há de se buscar compreender os trabalhos de Humboldt atento, portanto, à perspectiva que considerou a busca de universalização do saber como justificação e legitimação da própria ciência. Para demonstrar tal perspectiva será necessário construir a dimensão temporal e, portanto, histórica das inquietações intelectuais, morais e filosóficas em que se manifestam pela primeira vez as preocupações de Humboldt com o processo de racionalização do mundo, que se define inequivocamente como a tentativa de conciliar o novo conceito de ciência e método fundamentado filosoficamente por Descartes com certa herança metafísica.

Onde a forma de constituição das ciências é guiada por uma gama de questões irrestritas à atividade de um especialista, um naturalista, um biólogo, um mineralogista ou um matemático e, onde a forma de constituição das ciências provoca mudanças na própria maneira de pensar o mundo (neste caso, de pensar a natureza como objeto de um posicionamento racional do homem) não há como

interpretar a atividade científica de um naturalista do século XIX, sem recorrer aos fatores condicionantes heterogêneos que afetaram o curso do processo cognitivo da ciência. O que a produção científica de Humboldt nos revela contemporaneamente é que a prática do historiador da ciência irá fracassar se entender a ciência inadvertidamente como um campo prévio de constante especialização para estáveis relacionamentos. E irá fracassar ainda mais se estiver entendendo a ciência como uma atividade auto-reguladora incapaz de originar mudanças e discontinuidades no pensamento moderno como um todo. A perspectiva deste trabalho vai ao encontro do contexto intelectual da Alemanha na passagem do século XVIII ao XIX a fim de demonstrar que os questionamentos de Humboldt acerca das condições de possibilidade de um convívio harmônico entre ciência e estética eram determinados também por pré-condições essencialmente extracientíficas, exógenas à ciência (embora saibamos, desde o início que a ciência moderna só poderá participar de um convívio contínuo com outros campos de atuação e indagações humanas, se for ela mesma reduto de regras e questões próprias). E este parece ser um dos importantes desafios de Humboldt: como conciliar a ciência, com sua linguagem própria e sua crescente especialização e parcialidades de campos, com sua pretensão ao Todo. Dentro desse contexto, a ciência decerto criou uma relação de interdependência com a estética, com a filosofia da história (como será explorado agora), aliás, utilizadas pelo pensamento romântico. E essa interdependência entre ciência, estética e filosofia foi duplamente orientada no sentido de uma tensão: os especialistas das ciências, das artes e da filosofia produziram ao longo dos séculos muitas idéias que ficaram restritas aos respectivos campos e ao isolamento típico do intelectual dissociado do vigor e fecundidade do mundo, transformando tudo automaticamente em separação e negatividade. A questão seria saber se esse prejuízo se resume à ciência e à filosofia; ou se são elas as culpadas. O que Humboldt procurará defender é que toda a erudição requerida para esses campos deve ser confrontada com uma concepção totalizante.

Podemos resumir dizendo que quanto mais os assuntos científicos se expandiam, mais aguda se tornavam suas relações com os outros campos de saber e experiência. Este é o sentido da relação que Humboldt visa a estabelecer da ciência com a estética: o grande desenvolvimento que a ciência inicia na passagem do setecentos para o oitocentos envolve, sem cessar, a cisão fáustica

entre vida interior e mundo exterior e a dinâmica da cultura moderna perpetrada nos campos intelectual, moral e social.

Para mostrar como se dá esse relacionamento entre a ciência, o pensamento filosófico e a literatura no interior da produção intelectual Humboldtiana, será necessário delinear o contexto de origem da modernidade na Alemanha do século XVIII, derivado em parte do processo de autoconsciência histórica de alguns alemães daquela época frente a outras culturas. Trata-se, na verdade, de fazer uma história da produção científica de Humboldt, a partir de uma visão histórica de construção do contexto intelectual de sua época. É preciso, porém, retornar, com um pouco mais de detalhe, ao que se passou na curva dos séculos XVIII e XIX: a essa mutação rapidamente desenhada na modernidade no pensamento kantiano, por exemplo, e à alteração fundamental conduzida a partir do reconhecimento do poder do sujeito humano frente ao processo de racionalização do mundo. Essa questão imporá suas leis infatigavelmente aos diversos campos de saber e de atuação do homem. Mas vê-se que a modernidade não deve ser aqui entendida como a coleta das sucessões de fatos, tais como se constituíram: ela é modo de pensar fundamental do indivíduo, aquilo a partir de que eles são afirmados, postos e dispostos no solo da razão moderna para eventuais conhecimentos e ciências possíveis.

Esse acontecimento não tardou, porém, em mostrar toda a sua amplitude; as camadas profundas que atingiu e as estruturas que ele pode subverter e recompor. A constituição de tantas ciências positivas, o aparecimento da literatura, a emergência da história, como disciplina e como modo de ser no tempo, aumentaram ainda mais as disposições de ruptura profunda da modernidade.